

**A REALIDADE E O REALISMO EM *A MÁQUINA  
EXTRAVIADA* DE JOSÉ J. VEIGA**

**THE REALITY AND REALNESS IN *A MÁQUINA  
EXTRAVIADA* BY JOSÉ J. VEIGA**

**LA REALIDAD Y EL REALISMO EN *A MÁQUINA  
EXTRAVIADA* DE JOSÉ J. VEIGA**

Leonice de Andrade Carvalho<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria Literária e Práticas sociais pela Universidade de Brasília (UNB) e Professora de Literatura do Instituto Federal Goiano – Câmpus Urutaí. leonice\_carvalho@hotmail.com.

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo contribuir com a crítica da obra veigueana, relendo um dos contos mais importantes do autor e buscando rever alguns pontos já tidos como consolidados na crítica da obra veigueana. Para tanto, considera-se a relação complexa entre Literatura, História e Sociedade, ou seja, como a forma literária é capaz de internalizar a vida social em um movimento constante e dialético. Buscou-se examinar como o escritor, diante dos dilemas estéticos que impõe a narrativa literária, foi capaz de perceber o fluxo da história e das aflições humanas. O conto *A máquina extraviada* é considerado um conto denúncia e a narrativa de Veiga uma representação eficaz dos acontecimentos políticos do Brasil dos anos 60.

**ABSTRACT:** This research aims at contributing to the review of Verguean work by rereading some short stories written by José J. Veiga, emphasizing the book "Objetos Turbulentos: contos para ler à luz do dia", hoping to revise some important aspects which have already been consolidated on a critical essay about the Verguean work. Therefore, the complex relation among Literature, History and Society is considered, or in other words, how the Literary form is able to internalize social life in a constant and dialectic movement. It was examined how the writer was able to realise the flow of history and human afflictions in face of the aesthetic dilemmas that are imposed by the literary narrative. The short story "A máquina extraviada" is considered a denunciation story and Veigas's narrative na affective representation of Brazil's political events of the 60's.

**RESUMEN:** Este artículo tiene objetivo de contribuir con la crítica de la obra de Veiga, releyendo una de las historias más importantes del autor, además de buscar la revisión de algunos puntos importantes ya consolidados por la crítica en su obra. Por lo tanto, se considera la compleja relación entre la Literatura, la Historia y la Sociedad, es decir, como la forma literaria es capaz de internalizar la vida social en un movimiento dialéctico constante. Se trató de examinar cómo el escritor, en los dilemas estéticos que requieren la narración literaria, fue capaz de percibir el flujo de la historia y de las aflicciones humanas. Se considera el cuento "A maquina extraviada" un cuento de denuncia y la narrativa de Veiga, una representación efectiva de los acontecimientos políticos en los años 60 en Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernidade; Realismo; História; Insólito; José J. Veiga.

**KEYWORDS:** Modernidad; Realism; History; Uncommon; José J. Veiga.

**PALABRAS-CLAVES:** Modernidad; Realismo; Historia; Insólito; José J. Veiga.

“Comecei experimentalmente, assim como se estivesse cansado de ler livros dos outros e estivesse querendo fazer um livro que gostaria de ler, se escrito por outro. Tenho sempre muito trabalho para não fechar o livro, deixar aberto para que o leitor também entre e colabore. Quem estiver apressado, que faça uma primeira leitura, mais linear. Em outro nível, ele permite, convocando a inteligência e a sensibilidade para ser completado, só passa a existir quando há esse encontro do texto com o leitor.”

(José J. Veiga)

As reflexões propostas neste artigo partem do princípio que a literatura produzida por José J. Veiga compreende um século de história, confirmando a importância de um escritor que traz em suas obras os sintomas de um século de história. O escritor que só tardiamente publicou seu primeiro livro tornou-se referência em um tipo de literatura que alcançava notoriedade na literatura brasileira, embora sempre estivesse presente, o gênero fantástico. Em Veiga, a presença do insólito, do irreal ou fantástico é, para a crítica, a marca do escritor e elemento predominante na sua obra. Mas nos contos e romances veigueanos isso se problematiza, dada a complexidade com que o insólito é utilizado. Ao contrário das explicações fantásticas, o que parece estar envolto ao inexplicável acaba caminhando para a simplicidade da vida cotidiana.

Tudo começa com um anúncio de que é preciso narrar um acontecimento que modificará e entusiasmará a todos no sertão:

Você sempre pergunta pelas novidades daqui deste sertão, e finalmente posso lhe contar uma importante. Fique o compadre sabendo que agora temos aqui uma máquina imponente, que está entusiasmando todo mundo. Desde que ela chegou \_\_ não me lembro quando, não sou muito bom em lembrar datas \_\_ quase não temos falado em outra coisa; e da maneira que o povo aqui se apaixona até pelos

assuntos mais infantis, é de admirar que ninguém tenha brigado ainda por causa dela, a não ser os políticos (ME, p.133)<sup>2</sup>

Logo nas primeiras linhas do conto, o narrador incorpora a figura do contador de casos com o propósito de pensar os acontecimentos vividos em uma região distante e inóspita como o sertão. Ainda se mantém o tom da oralidade ao narrar uma fábula que concentra a força de uma história passada em terras sertanejas, confirmando a vocação de Veiga rumo à investigação da condição humana, que sob o signo da violência e da opressão, percebe o incômodo de uma invasão.

Diferentemente do conto *Entre irmãos*, do livro *Os cavalinhos de Platiplanto*, agora, a experiência solicita o ato de narrar. A narrativa não é só possível, mas ela é evocada, agora se tem um assunto, a notícia está ali precisando ser contada e o interlocutor está a postos, pedindo notícias do sertão. Mais do que narrar o acontecimento, “quase não temos falado em outra coisa” (ME, p.133), o narrador constata que há muitas paixões e muita política, o que pode ser decorrência da chegada da máquina e também do uso da palavra, do ato de narrar, apaixonante e político.

A narrativa começa a partir de uma cena que se configura com o movimento da máquina que acaba de chegar, mas, principalmente, das pessoas que trabalham na instalação desse estranho e alheio objeto, capaz de absorver as expectativas e a própria vida dos moradores do sertão. “Descarregadas as várias partes da máquina (...)” (ME, p.133), colocada em suas engrenagens, a população passa a se orientar pela existência do novo e atrativo objeto instalado na praça, ou seja, pela paixão gratuita e aparentemente casual que a máquina representava. Um prenúncio de mudança e transição que estava por vir, anunciado pelo narrador, concretizado pelo objeto que desencadeia ações humanas inusitadas e conflituosas.

O sertão é o ponto de partida. Ainda há em Veiga referências à vida sertaneja, em um regionalismo inovador, como força de uma invenção e que ignora qualquer vertente documental. Assim, no decorrer de sua trajetória criativa, universaliza seus temas e amplia, diversificando, seus modos de reinventar a própria vida por meio do fazer literário, das

---

<sup>2</sup> As citações referentes ao conto analisado estarão referenciadas no corpo do texto com a sigla ME e a página de onde foi retirado o trecho em questão. A referência completa encontra-se nas referências no final deste trabalho.

idades encravadas em um tempo e em um espaço sertanejo que apontam para uma insistente e inevitável modernidade, capaz de renovar os espaços, incrementar a paisagem e direcionar o homem a um cotidiano ainda desconhecido nestas paragens sertanejas. O que está em evidência não é o homem sob as novas condições impostas por um mundo em transição, mas, antes de tudo, como esse homem lida com essas forças adversas e como organiza a sua trajetória.

Do mundo outro de *Os cavalinhos de Platiplanto* passamos ao mundo único, um tanto desconhecido, de *A máquina extraviada*, na luta constante entre o conhecido e o desconhecido, a tradição e o moderno, o sertanejo e o urbano, o rotineiro e o inusitado, o que é de dentro e o de fora, entre outras antinomias. A máquina extraviada é a presença do mundo insólito imerso na vida cotidiana, colado à realidade imediata. Mas é na elaboração da narrativa, na composição do narrador e do espaço principalmente, que se relacionam dialeticamente com as demandas sociais de uma comunidade que vivencia uma importante e fundamental transição – a passagem de uma realidade sertaneja para uma ameaça de modernização, em muitos casos, decadente. É assim que a literatura de José J. Veiga pode representar uma forma peculiar de interpretação do Brasil, em sua formação como nação, pensando e repensando os caminhos e descaminhos de uma nação repleta de dilemas e impasses na sua construção e afirmação como país envolvido em uma dinâmica peculiar de modernização, de implantação do capitalismo.

Nesse processo de recepção de um projeto de modernidade tardia é que se afirmam as dicotomias brasileiras, resistentes e reticentes, como a dubiedade campo e cidade, tradição e modernidade, novo e velho, enfim, humano e desumano. Em *A máquina extraviada* fica evidente a construção de uma noção de modernidade que nem sempre correspondeu ao avanço que se esperava do advento moderno, já que ainda persistiram elementos conservadores, retrógrados até, mas inevitáveis, sem chance para retroceder, é o que sugere o trecho abaixo:

A máquina chegou uma tarde, quando as famílias estavam jantando ou acabando de jantar, e foi descarregada na frente da Prefeitura. Com os gritos dos choferes e seus ajudantes (a máquina veio em dois ou três caminhões) muita gente cancelou a sobremesa ou o café e foi ver que algazarra era aquela. Como geralmente acontece nessas

ocasiões, os homens estavam mal-humorados e não quiseram dar explicações, esbarravam propositalmente nos curiosos, pisavam-lhe os pés e não pediam desculpa, jogavam pontas de cordas sujas de graxa por cima deles, quem não quisesse se sujar ou se machucar que saísse do caminho. (ME, p. 133).

A posição apaziguadora do narrador, que narra os fatos com naturalidade, marca a narrativa com um tom de conformidade e resignação diante das adversidades impostas pela presença da máquina, inclusive diante da forma como ela foi montada, como ela se infiltrou na cidade e a maneira fantasmagórica com que ela permanece, administrando a vida daqueles que a circundam. Mas, implícito nesse discurso de normalidade e espontaneidade diante da novidade representada pela máquina e sua instalação, está uma “voz” controvertida, de um personagem ou outro que não se conforma com o inusitado, introduzindo assim uma sutil resistência que parece destoar do tom geral da narrativa, pronto a exaltar as novidades apresentadas à população da cidade, “Contrariando a opinião de certas pessoas que não quiseram se entusiasmar, e garantiram que em poucos dias a novidade passaria e a ferrugem tomaria conta do metal, o interesse do povo ainda não diminui” (ME, p. 133). Esse discurso de resistência é uma marca da maioria dos textos veigueanos que se utiliza da mediação, que é a ficção, para ressaltar a discussão histórica social que vai além do caráter estético ficcional, em um período de acirramento das relações, de terror político e cerceamento da liberdade humana.

A chegada, instalação e manutenção da máquina na cidade é a figuração de um drama humano muito maior que o aparente desconforto e estranhamento que pode a máquina provocar. A instalação da máquina, a princípio misteriosamente, provoca uma reviravolta no comportamento e na rotina das pessoas da cidade, dando ao lugar e às personagens uma nova configuração. Assim, não há gratuidade nem mesmo é um ato de casualidade a invasão da cidade pela máquina. São muitos os dramas humanos evidenciados pela presença incômoda, ao mesmo tempo alentadora, desse objeto que se aloja no espaço mais nobre da cidade e que acaba responsável por toda configuração do enredo. O ato de narrar a instalação da máquina não é uma ação fortuita.

Na elaboração do conto, inserido no narrar, há sequências descritivas importantes, que se organizam na constituição de um enredo repleto de ações dramáticas que se sucedem e se organizam sistematicamente para narrar, na verdade a própria destinação da vida humana a partir do advento moderno, simbolizado pela máquina voluntariamente implantada no centro de uma sociedade: “Ela é o nosso orgulho, e não pense que exagero. Ainda não sabemos para que ela serve, mas isso já não tem maior importância” (ME, p. 135). No conto em questão, não estamos diante de um panorama de “natureza morta”, onde os homens circulam inertes, inumanos, como se fossem meros acessórios em um mundo de coisas, mas é possível perceber a luta de forças opostas, a presença de viva humanidade nas personagens, ressaltando as potencialidades humanas.

Georg Lukács, no importante estudo *Narrar ou Descrever?*, faz uma pergunta no mínimo intrigante: “o que é possível chamar de acidental na representação artística?” (LUKÁCS, 2010, p.151). O crítico ressalta a presença relevante do elemento acidental como possibilidade real de manter o texto vivo e dinâmico. Ao mesmo tempo, esclarece sobre a importância da superação na representação da casualidade, relacionando componentes que configuram a narrativa no âmbito da necessidade:

Será que é o caráter completo de uma descrição objetiva que torna alguma coisa artisticamente “necessária”? Ou, ao contrário, esta necessidade decorre das relações dos personagens com as coisas e com os acontecimentos nos quais se realiza o seu destino e através dos quais eles atuam e sofrem? (LUKÁCS, 2010, p.151)

A descrição da chegada e instalação da máquina na praça da cidade, uma cidade qualquer, é apenas o relato de um fato. No entanto, esse episódio suscita e movimenta uma série de conflitos que estão intimamente ligados aos dramas humanos que já se anunciam no conto e que problematizam a vida do homem sob uma nova lógica:

Em tempo de eleição todos os candidatos querem fazer seus comícios à sombra dela, e como isso não é possível, alguém tem de sobrar, nem todos se conformam e sempre surgem conflitos. Felizmente a máquina ainda não foi danificada nesses esparramos, e espero que não seja. (ME, p.135)

Em *A máquina extraviada*, a representação do objeto proposto pelo escritor, a máquina, não está inserido em nenhuma configuração narrativa propriamente dita, com personagens em movimento e com ações a serem narradas. A princípio, parece até que o objeto apresentado não está completamente ligado às experiências humanas vividas ou suscitadas no texto. No entanto, em uma leitura atenta, o objeto, que é a máquina, revela-se em estreita relação com as experiências vivenciadas pelo homem e suas relações com a vida social, modificando o convívio em sociedade, assim como as relações de trabalho. São realidades humanas completamente modificadas, reconstituídas, redirecionadas pela influência da máquina, como um objeto que representa a implantação de novas concepções sobre o mundo e sobre a vida humana.

Mesmo quando o conto dá a impressão que nele apenas se descreve um fato que aconteceu independente da ação humana, um cenário que se monta em torno de um objeto inusitado, ele é capaz de articular o drama de personagens em torno de um acontecimento que se mostra relevante para a história do homem, impondo-se aí um coerente núcleo de ação. O cenário ou a ocasião relatada no conto pode ser casual, mas as confabulações estéticas e temáticas a partir dessa aparente casualidade revelam-se na obra literária como necessárias.

O universo simbólico proposto pelo escritor no conto em questão, não dá conta da realidade de forma direta e imediata. No entanto, apresenta notável veio artístico, tratando das aflições e angústias humanas com profusão e eficiência estética. Na concepção Lukacsiana sobre o Realismo, em especial na Estética, há considerações importantes sobre a Alegoria e o Símbolo, duas formas distintas de representação artística. Nessas discussões, esses dois conceitos se apresentam como contrários e caminham em direções diferentes.

A alegoria, defendida por Benjamin, do ponto de vista da arte, é uma forma artística considerada figurada, em que se diz uma coisa para representar outra, algo concreto que se remete a uma experiência abstrata. O problema está na visível arbitrariedade com que se chega ao significado, quando o sentido se projeta para fora do objeto, em uma perspectiva transcendental, deslocando-o do seu sentido histórico e, assim, esvaziando-se de seu sentido habitual, fragmentando-o e dando possibilidades para novas significações. No mundo dominado pelo capitalismo, a totalidade torna-se indisponível e é neste contexto que a



alegoria alcança lugar de destaque, pois, para tratar de um mundo fragmentado, é preciso fragmentar-se também. Por isso, Lukács se coloca em direção contrária, visto que não é possível admitir a soberania dos objetos sobre os homens, assim como da fragmentação e do deslocamento histórico do objeto na busca por seu significado.

Enquanto a alegoria projeta-se para o outro, o símbolo remete-se ao que está dentro, busca a imanência de sentido, a sua fixação. Na defesa do símbolo, Lukács esclarece que o artista busca perceber o universal no particular quando o sentido não está separado das partes, estão unidos em perfeita harmonia. Já na alegoria, o particular é apenas o ponto de partida e remete a um universal que está fora do particular e, além disso, ressalta os destinos humanos desconectados com as suas experiências sociais, destitui a totalidade, capaz de levar à existência humana a sua imanência de sentido.

No conto de Veiga, o acontecimento que se quer relatar é importante em si mesmo. Todavia, é fundamental para as relações inter-humanas que se quer perceber. A simples presença da máquina levanta discussões relevantes sobre a vida e seu significado social. São acontecimentos que exigem da personagem atitudes a serem tomadas, posições assumidas diante de novos contextos e novas condições impostas ao homem em consonância com uma nova concepção de mundo. A posição tomada pelo escritor, considerando o narrar e o descrever, configura-se como um resultado artístico capaz de demonstrar a riqueza dos traços humanos essenciais, quando os homens e os acontecimentos se relacionam de forma orgânica a fim de compreender a sua experiência, dando sentido a sua própria vida.

Já em uma perspectiva mais colada à vida cotidiana, está presente uma ameaça concretizada – a invasão avassaladora e acintosa de uma nova lógica, o novo, do mundo da tecnologia, que não permite mais a possibilidade de manutenção e perpetuação de uma tradição construída a partir da identidade de um povo sertanejo e interiorano, “A máquina ficou ao relento, sem que ninguém soubesse quem a encomendou nem para que servia. É claro que cada qual dava o seu palpite, e cada palpite era tão bom quanto outro.” (ME, p. 134). A máquina ocupa o espaço da falta de perspectiva – ela é a própria notícia, surpreendente é também a notícia – viver em torno de um vazio não configura a transcendência, mas uma vida sem rumo.

Considerando o insólito de *Os cavalinhos de Platiplanto*, em *A máquina extraviada* instala-se uma nova ordem no trato com o elemento insólito. Há um abrandamento da fantasia e o tom lírico (não menos repleto de aflições humanas) dá lugar a uma expressão mais ligada ao absurdo ou ao simbólico, apagando as fronteiras que delimitavam a vida cotidiana e a magia do insólito. Sem finalidade prática, o homem que está diante de uma narrativa literária, como *A máquina extraviada*, está frente a um mundo concreto, a uma representação de um tempo histórico em que personagens em suas tipicidades são capazes de vivenciar a problemática condição humana.

A obra de José J. Veiga apresenta categorias narrativas que se comprometem com a verdade histórica. Apesar de os enredos centralizarem-se na figura dos objetos, a essencialidade está na presença do homem, que confirma a sua superioridade diante do mundo das coisas, que apenas compactuam para que a totalidade, comandada pelo homem, seja visível pela ótica da obra literária realista. A literatura veigueana, desse momento, articula princípio estético e realidade histórica de repressão e desagregação, afirmando-se como uma produção artística com nítidas preocupações sociais, em um tempo de escassez de lirismo (ou mesmo na presença dele), em que o autor não consegue mais a exacerbação lírica presente em *Os cavalinhos de Platiplanto*.

A partir de um contexto histórico autoritário, o conto narra a invasão de uma máquina misteriosamente implantada na cidade, sob a vigilância, a curiosidade e a passividade de seus moradores, que a elevam à condição de elemento fundamental para a existência humana e imprescindível para a perpetuação da vida na cidade – são as paixões. Esse conto tematiza contradições importantes, que vão se perpetuar na vida do homem e das personagens veigueanas, trazendo à tona dilemas relevantes para uma discussão da própria existência e, principalmente, da sobrevivência do homem nas novas configurações sociais. São contradições ainda não superadas, dicotomias permanentes na construção do Brasil como nação. Como se vê em:

Ninguém sabe mesmo quem encomendou a máquina. O prefeito jura que não foi ele, e diz que consultou o arquivo e nele não encontrou nenhum documento autorizando a transação. Mesmo assim não quis lavar as mãos, e de certa

*forma encampou a compra quando designou um funcionário para zelar pela máquina.(...)*

Em todas as datas cívicas a máquina é agora uma parte importante das festividades. Você se lembra que *antigamente* os feriados eram comemorados no coreto e no campo de futebol, mas *hoje* tudo se passa ao pé da máquina.(...)

O meu receio é que, quando menos esperarmos, desembarque aqui um moço de *fora*, desses despachados, que entendem de tudo, olhe a máquina *por fora, por dentro*, pense um pouco e comece a explicar a finalidade dela (...). (ME. P. 136, grifo nosso)

Uma das grandes contradições presentes na literatura de Veiga é mesmo a utilidade da máquina, o caráter utilitarista da vida. Desde os contos que tematizam diretamente o insólito, a partir de um tom lírico ainda possível antes da ditadura militar, na literatura de Veiga já estava presente a angústia da incerteza de não ser possível entender como alguns “acontecimentos podiam acontecer”, como quando o menino de *Os cavalinhos de Platiplanto* não compreende como a ganância do Tio podia ter mudado o avô:

— Seu avô está muito mudado, meu filho. Nem parece o mesmo homem — e caiu no choro de novo.

Eu não entendia por que uma pessoa como meu avô Rubém podia mudar, mas fiquei com medo de perguntar mais; mas uma coisa eu entendi: o meu cavalinho, nunca mais. Foi a única vez que eu chorei por causa dele, não havia consolo que me distraísse. (CP, p. 30 e 31)

O conto tematiza a chegada e implantação de novas lógicas de vida, importantes para a construção do homem e da nação como possibilidades de pensar o Brasil pelo viés literário, o que permita encontrar na narrativa os impasses que, por meio das adversidades próprias do contexto histórico autoritário e desejoso de encontrar os encantos da modernidade, apresentam e reafirmam contradições permanentes e profundas. A máquina é o elemento simbólico que representa essas contradições e, ao mesmo tempo, a falta de perspectiva:

Estamos tão habituados com a presença da máquina ali no largo, que se um dia ela desabasse, ou se alguém de outra

cidade viesse buscá-la, provando com documentos que tinha direito, eu nem sei o que aconteceria, nem quero pensar. Ela é o nosso orgulho, e não pense que exagero. Ainda não sabemos para que ela serve, mas isso já não tem maior importância. Fique sabendo que temos recebido delegações de outras cidades, do estado e de fora, que vem aqui para ver se consegue comprá-la. (ME, p. 135)

A partir de uma concepção simbólica da máquina, o escritor internaliza ficcionalmente o processo de modernização autoritário que se implantou no Brasil. Expostas as incertezas da transição que antecede a plenitude desse processo, já deixa transparecer a violência e a opressão características de um espaço sertanejo, encravado na interioridade inóspita das terras goianas, que manteve a proliferação de um moderno refratário ao progresso desejado.

A narrativa privilegia um enredo que articula elementos estéticos para que pareça que a vida está em conformidade com as mudanças anunciadas pela implantação de um novo sistema – a promessa de uma vida ligada à modernidade europeia. O narrador é esse ente que formula essas impressões, colocando em evidência as mudanças impostas:

Até agora o único acidente de certa gravidade que tivemos foi quando um caixeiro da loja do velho Adudes (aquele velhinho espigado que passa brilhantina no bigode, se lembra?) prendeu a perna numa engrenagem da máquina, isso por culpa dele mesmo. O rapaz andou bebendo em uma serenata, e em vez de ir para casa achou de dormir em cima da máquina. Não se sabe como, ele subiu à plataforma mais alta, de madrugada rolou de lá, caiu em cima de uma engrenagem e com o peso acionou as rodas. Os gritos acordaram a cidade, correu gente para verificar a causa, foi preciso arranjar uns barotes e lambanças para desandar as rodas que estavam mordendo a perna do rapaz. (ME, p. 135)

Em uma proposta que dialoga com o leitor e evoca a reflexão, o narrador propõe que a máquina, esse símbolo fundamental para a vida dos moradores da cidade, ainda que desprovida de utilidade, é uma composição de engrenagens que deixa perceber como funciona a vida social, apresentando um viés de resistência às adversidades impreterivelmente impostas pelo novo tempo que se aproxima. Assim também é a narrativa, uma composição de engrenagens que se

combinam na formação de um todo capaz de suscitar reflexões relevantes sobre a existência humana, como em “Também dessa vez a máquina nada sofreu, felizmente. Sem a perna e sem o emprego, o *imprudente* rapaz ajuda na conservação da máquina, cuidando das partes mais baixas.” (ME, p. 135). Essa é a metáfora que exemplifica a forma perversa com que o capitalismo se apropria da autonomia humana, percebendo as crises como um mecanismo que lhe possibilita ressurgir com força ainda maior.

Dois elementos de formulação estética alcançam maior destaque, o espaço sertanejo e a posição do narrador, como alguém que vive nesse espaço e que se dedica a dar notícias sobre as transformações acontecidas em lugar tão inóspito, ermo e pacato quanto o espaço sertanejo. O narrador manipula e interfere de forma declarada na exposição dos fatos, na entonação e na seleção dos eventos:

Já existe aqui um movimento para declarar a máquina monumento municipal — por enquanto. O vigário, como sempre, está contra; quer saber a que seria dedicado o monumento. Você já viu que homem mais azedo?

Dizem que a máquina já tem feito até milagre, mas isso — aqui para nós — eu acho que é exagero de gente supersticiosa, e prefiro não ficar falando no assunto. Eu — e creio que também a grande maioria dos munícipes — não espero dela nada em particular; para mim basta que ela fique onde está, nos alegrando, nos inspirando, nos consolando. (ME, p. 136)

Em *A máquina extraviada*, as personagens constataam as mudanças, narram as transformações acontecidas com a chegada da máquina e, ao mesmo tempo, narram o mundo desencantado, uma percepção pessimista da vida humana e do seu destino, embora a promessa fosse de um mundo de encantamentos. Assim, as personagens, expectadoras de sua própria vida desencantada, tematizam a própria história da modernização da América Latina, uma promessa de progresso que não é alcançada completamente, confirmando o atraso como um elemento de implantação da modernidade em realidade periférica, se comparado aos países capitalistas centrais. Logo, as personagens são entes aprisionados pela própria realidade capitalista tardia, como em “Eu — e creio que também a grande maioria dos munícipes — não espero dela nada em particular; para mim basta que ela fique onde está, *nos alegrando, nos inspirando, nos consolando.*” (ME, p. 136)

Novamente, assim como em *Os cavalinhos de Platiplanto*, a possibilidade de vivenciar a liberdade em um contexto de aprisionamento reaparece. Na maioria das narrativas veigueanas, os temas se repetem ressaltando uma atmosfera que se modifica na medida em que a história do país se transforma, confirmando uma realidade opressiva, violenta e ameaçadora. Há, implicitamente, um tom de inquietação e questionamento sobre a própria realidade, deflagrando uma atmosfera de resistência e acirramento das relações nesse contexto de crise da própria existência humana, *consolando e inspirando* o homem submetido a essa condição capital irreversível.

O meu receio é que, quando menos esperarmos, desembarque aqui um moço de fora, desses despachados, que entendem de tudo, olhe a máquina por fora, por dentro, pense um pouco e comece *a explicar a finalidade dela*, e para mostrar que é habilidoso (eles são sempre muito habilidosos) peça na garagem um jogo de ferramentas e sem ligar a nossos protestos se meta por baixo da máquina e desande a apertar, martelar, engatar, e a máquina comece a trabalhar. Se isso acontecer, estará quebrado o *encanto* e não existirá mais máquina. (ME, p. 136)

Há no elemento de resistência contido na narrativa, um exercício contínuo, embora implícito, de reflexão. A consciência reflexiva manifesta-se por meio do diálogo, promovido pelo próprio narrador com o leitor, a fim de desestabilizar as certezas previstas pelos movimentos de anúncio da vida moderna. Em consonância a essas certezas está o confronto, a evidente contradição como elemento essencial do diálogo.

A máquina é a inquietação e a desconfiança de um mundo movediço, instável e incomodativo. A relação entre a máquina (objeto) e os homens (sujeitos) é uma relação que fomenta a angústia; já que embora traga a segurança da presença da máquina, anuncia o mundo estranho e alheio que pode insurgir a qualquer momento. No jogo da essência e da aparência<sup>3</sup>, em alcançar a essência por meio da aparência, o sentido das coisas é intercambiado à medida que a máquina deixa de ter a simples função de executar uma tarefa. Ela torna-se o objeto que coloca o homem diante de um grande dilema da existência – sua própria sobrevivência na modernidade periférica e

---

<sup>3</sup> Sobre esse assunto, ver as reflexões de George Lukács.

capitalista - buscando um sentido para vida e para o destino do homem que se encontra em outro texto, que não as páginas escritas pelo cotidiano, nem mesmo o mundo povoado pelos objetos utilitários como é o mundo que invade o sertão. É nesse sentido que, em busca do significado, o escritor parte da aparência para a essência, ressaltando a totalidade dos fenômenos e os ligando às preocupações existenciais da vida humana, às lutas pela sobrevivência, o que considera as questões histórico-sociais. Assim, a perspectiva do artista é a do símbolo, como elemento que reforça a superioridade da arte realista.

Além disso, na composição da atmosfera ficcional de Veiga, o espaço tem uma função primordial. Interditado e mágico, acaba sendo ocupado por um objeto estranho à tradição e impositivo quanto à necessidade de reformular as consciências e o comportamento do povo que formou ali uma tradição. A máquina, como um estranho que invade o espaço do outro, ultrapassa os limites da vida individual e a discussão estende-se, transcendendo ao âmbito coletivo, profanando os costumes, as convicções e as certezas firmadas até então. Os espaços invadidos por objetos estranhos transformam o povo da cidade em espécie de alienígenas, transformando, eles mesmos, em indivíduos estranhos ao seu espaço de origem. A máquina impossibilita os nexos responsáveis por captar a totalidade da vida. A percepção da vida de forma fragmentada proporciona certo desconforto promovido por um mundo novo que se apresenta a partir de um viés massacrante, tanto pela rotina quanto pelo mistério diante da novidade (que, no caso deste conto, exclui a tradição como elemento importante no estabelecimento das conexões), dando ao mundo um caráter movediço, inexplicável e, em alguns momentos, até mágico.

Mesmo a partir de uma premissa simbólica da máquina, ela assume várias possibilidades de sentido. A narrativa amplia-se evocando o significado ambíguo das coisas, em camadas sucessivas de sentidos, que, ao serem removidas, aparecem outras que de periféricas também se tornam centrais. No entanto, embora pareçam fragmentadas, alcançam a totalidade quando se conectam com os sentidos históricos que a narrativa busca evidenciar e traz, muitas vezes, subliminarmente entranhados em suas categorias estéticas. A história de *A máquina extraviada* é muito mais o sentido do destino da vida humana sob o signo da modernidade que simplesmente a instalação repentina de uma



máquina no espaço da praça de uma pequena cidade do sertão brasileiro.

A máquina é, certamente, uma metáfora. Aparece enraizada na experiência de povos atrasados que tiveram que se relacionar com máquinas modernas, sempre opressoras. Realmente, ao que parece, um moço que vem de longe e que entende de tudo, passando a explorar a máquina, é alguém que toma a máquina como alegoria, que ignora os “protestos” ou os processos por que passam a população e executa a tarefa, coloca-se a cumprir uma finalidade determinada pelas demandas modernas, quebrando, assim, o encanto que, pelo viés particular (a própria máquina), almeja o universal, embora esse particular aponte para um universal que está fora dele. Nesse caso, ainda, para chegar à essência desconsidera-se a aparência.

Mesmo assim, a experiência está disponível para ser narrada na medida em que a história vai sendo vivenciada pelo homem, em seus altos e baixos. Os dramas pessoais de cada personagem estão ligados entre si, a fim de estabelecer os nexos necessários para se representar a totalidade social, quando os destinos das personagens estão conectados de forma dialética, estabelecendo elos diante das relações entre público e privado, percebendo nos problemas econômicos e sociais as questões ontológicas pertinentes. Ao mesmo tempo em que a máquina representa o símbolo da desagregação também tematiza as relações que conectam os fatos da própria vida em sua “completude relativa”.

Na experiência literária, os objetos só adquirem relevância quando estão associados aos dramas humanos. Por isso que, por mais que as “coisas” estejam presentes na formulação do enredo, elas cumprem o papel de elementos capazes de promover a coesão frente aos destinos humanos. No conto, a relação entre o objeto, no caso a máquina, e o sujeito, o povo da cidade, acontece de forma efetiva e significativa quando fica clara a ação que compreende o enredo, ou seja, quando o foco volta-se para o que é essencial na narrativa, a práxis humana, os dramas presentes na existência do homem, sem desprezar o viés aparente.

Logo, no conto de José J. Veiga, a máquina do título é transportada nas duas esferas da narrativa – na história e no discurso. Na história, por dois ou três caminhões, aos gritos dos choferes e seus ajudantes. No discurso, ela é a notícia, ou mesmo a novidade requerida e ansiada por



este que é chamado “você” e “compadre”. Sua existência se realiza nos dois níveis, mas antes de tudo, ela atende ao pedido de novidades, uma solicitação que é tanto do compadre quanto do narrador.

A máquina é extraviada, chegou ali por engano, quando ninguém a esperava, embora a solicitasse. Os que a transportam são grosseiros e esquivos, evitam contato. E logo desaparecem, para que não se quebre a estranheza da máquina com explicações sobre a procedência ou a finalidade. O narrador, que transporta a máquina como notícia para o compadre, também não tem explicações a dar e também se esquia. Não sabe a data da chegada

Transportada quer dizer metaforizada, trasladada. Cabe, então, perguntar o que tem isso a ver com o ‘extraviada’ do título. Extraviar, entretanto, quer dizer perder a via, o rumo. Se a questão básica é a notícia, pode-se entender que essa notícia que vai agora ‘finalmente’ de fato vai no lugar de outra, esta sim solicitada e ansiada. “O povo aqui se apaixona até pelos assuntos mais infantis”: a ironia é também marca dessa narrativa. O narrador finge nada saber e o leitor deve também perguntar o que ele sabe, se sabe algo, e o que esconde.

O que o narrador sonega é que a máquina extraviada vem se instalar no lugar de alguma outra coisa, esta sim necessária. Aquilo pelo que todos anseiam, infantilmente, não virá. A máquina se instala no lugar de outra coisa. Assim, se de fato existe uma duplicidade da máquina, a questão não está em que ela significa outra coisa impossível de ser dita, mas sim que ela enfim diz. A ironia muitas vezes sarcástica do narrador é disparada contra “você” (seguramente o leitor), contra o povo do lugar, o vigário, o prefeito, os políticos, os habitantes das cidades vizinhas que passam a disputar a máquina. E é disparada contra ele mesmo, narrador. Fala de si mesmo como membro da comunidade: “Estamos tão habituados com a presença da máquina (...)”, “Ela é o nosso orgulho, e não pense que exagero”, “Ainda não sabemos para que ela serve, mas isso já não tem maior importância” (ME, p.133). Em outro momento, porém agora se nomeando a si mesmo em primeira pessoa, ele diz preferir não ficar falando no assunto de que a máquina seria milagrosa, o que demonstra a sua má consciência.

O bêbado aciona as rodas, a máquina funciona, mas logo todos correm para desligá-la. O “imprudente rapaz” perde a perna e o emprego e agora “ajuda na conservação da máquina, cuidando das partes mais

baixas” (ME, p134). A imprudência não esteve em correr riscos, como afinal aconteceu, mas em pôr a máquina em funcionamento. Imprudente ou bêbado, ele, entretanto, faz aquilo que seria de se esperar de toda a comunidade. Esta, como o narrador, finge não saber que a máquina está no lugar de outra coisa e que esta coisa, necessária e real, desejada e temida, é perigosa. Perigosa porque provavelmente levaria a mudanças na sua vida. Mudar é necessário, mas inconveniente. Em lugar disso, é melhor viver com a ilusão. A máquina é, assim, a máquina da ilusão. É preciso mesmo evitar que venha alguém de fora, alguém ‘habilidoso’, ou mais, técnico e perito, que ponha a máquina em funcionamento.

É possível se falar de transcendência com relação à máquina extraviada, mesmo que seja de uma transcendência não religiosa, de uma transcendência vazia? Ou ao contrário estamos em presença de algo concreto, com existência concreta no texto e fora dele, que não é nomeado porque a má consciência do narrador, como também do compadre e de toda comunidade e enfim também nossa como leitores (o ‘você’ que dá início ao conto) impede que se faça?

O impedimento está na origem da ironia e do sarcasmo. O sentido político do conto enfim fica evidente. É assim que o conto *A máquina extraviada* problematiza a realidade iminente e, em muitos casos, já presente mesmo no sertão da condição de nação periférica e a implantação de uma modernidade capitalista tardia, precocemente, decadente:

Já na década de setenta, a história da máquina, que suga a força e os sonhos dos homens, é a metáfora da era industrial, que vai pouco a pouco, substituindo os valores da raça humana e alienando a todos, para que se sobreponha o material sobre o espiritual. O automatismo da vida moderna exige que a luta pela sobrevivência massifique todo mundo. Trabalhadores são explorados nas indústrias e veem-se diante do capitalismo. Essa automatização do ser humano que se deixa explorar pela máquina que, por conseguinte, explora suas ações, e suas vidas, é absorvida por J. J. Veiga com muita sabedoria, pois o escritor vale-se do espaço “real” da narrativa e cria o insólito como representação desse automatismo. Ele constrói sua obra a partir da realidade brasileira, como bem observa Hélio Pólvora, quando este afirma que os assuntos de Veiga derivam da terra, dos homens, e de uma realidade nossa.

Realmente, Veiga se vale dos espaços distantes dos grandes centros e dos costumes cotidianos para enriquecer seus enredos (...) (REZENDE, 2008, p. 138 e 139)

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. 3ª ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, p. 197 a 221.

LUKÁCS, Georg. *Narrar ou descrever? Uma discussão sobre naturalismo e formalismo*. In: *Marxismo e teoria da literatura*. (Seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho). 2 edição. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 149 a 186.

LUKÁCS, Georg. *Introdução a uma Estética Marxista: Sobre a Particularidade como Categoria da Estética*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

REZENDE, Irene Severina. *O fantástico no contexto sócio-cultural do século XX: José J. Veiga (Brasil) e Mia Couto (Moçambique)*. São Paulo, 2008. Tese/USP. 2008.

VEIGA, José J. *A máquina extraviada*. In: *Melhores contos de J. J. Veiga*. (Seleção de J. Aderaldo Castello). 4 ed. São Paulo: Global, 2000. (Coleção Melhores Contos) p. 133 a 136.

VEIGA, José J. *Os cavalinhos de Platiplanto*. In: *Melhores contos de J. J. Veiga*. (Seleção de J. Aderaldo Castello). 4 ed. São Paulo: Global, 2000. (Coleção Melhores Contos) p. 27 a 34.